



DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	30. JAN. 1980
PORTUGAL HOJE		DIÁRIO POPULAR	
CORREIO DA MANHÃ		DIÁRIO DE LISBOA	
DIA		CAPITAL	
DIÁRIO		TARDE	
A TRIBUNA			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			

## FREITAS DO AMARAL PRESIDIU À SESSÃO DO CONSELHO DA EUROPA

# NÃO CONFUNDIR O RENO COM O TEJO

—palavras de um deputado francês, em resposta ao deputado do PS por criticar a exoneração de Pintasilgo

Portugal e os restantes países membros do Conselho da Europa vão reunir brevemente em Estrasburgo para, numa conferência dos ministros do Desporto, analisarem em conjunto a atitude a adoptar quanto à posição global como forma de protesto contra a invasão do Afeganistão pela União Soviética. Esta uma das informações prestadas pelo vice-primeiro-ministro, prof. Diogo Freitas do Amaral, ontem, à sua chegada de Estrasburgo, onde se desloca na qualidade de presidente do Conselho de Ministros do Conselho da Europa, para a apresentação à assembleia o relatório das actividades do respectivo Comité de Ministros.

Freitas do Amaral — segundo disse — fez a leitura do relatório das actividades, sublinhando, por outro lado, aquilo que considerou o «interesse e simpatia com que está a ser acolhida nos meios internacionais, com excepção dos comunistas, a nova política externa portuguesa pela sua clareza, de terminação e vigor do seu carácter afirmativo».

A justificar esta convicção, Freitas do Amaral disse que, dia-a-dia, cresce a «indignação e firmeza» contra as posições assumidas contra a invasão do Afeganistão pela União Soviética e a prisão do dissidente Sakharov. O vice-primeiro-ministro português seria, aliás, o primeiro parlamentar que no C. E. condenou a prisão do dissidente. Quer a intervenção no Afeganistão, quer a prisão de Sakharov são pontos importantes. A propósito, Freitas do Amaral salientou que o C. E. tomou conhecimento da posição assumida pelos países islâmicos, na conferência de Islama-bad, onde — disse — «se condenou frontalmente a invasão soviética do Afeganistão, abrindo-se caminho para uma atitude favorável ao boicote dos Jogos Olímpicos».

Portugal tomará posição só depois da reunião dos parlamentares europeus do Desporto.

Freitas do Amaral, sublinhou ainda que países do bloco comunista (Roménia, Jugoslávia e China Popular) têm condenado a intervenção soviética no Afeganistão e a prisão de Sakharov, lamentando que só os partidos comunistas de influência soviética e os países satélites da U.R.S.S. o não tenham feito.

### O MOMENTO É DE CRÍTICA A U.R.S.S.

Freitas do Amaral condenou duramente as declarações do tenente-coronel Melo Antunes no seu regresso de Belgrado, sobre a política externa portuguesa, a prisão de Sakharov e a demissão de Maria de Lurdes Pintasilgo. O vice-primeiro-ministro foi duro, mas, por enquanto, afastou que se possa considerar existir, neste momento, uma ruptura institucional entre o Conselho da Revolução e o Governo.

Sobre as declarações de Melo Antunes, salientou que «não é

da competência do C.R. ou dos seus membros pronunciarem-se publicamente sobre a política externa portuguesa».

«Segundo a Constituição — notou — isso é da competência do Governo. «O Governo — comentou — não abdica do seu direito de conduzir a política externa como entender mais conveniente aos interesses nacionais».

Em resposta a Melo Antunes, salientou: «O Governo entende que o momento internacional é de crítica à U.R.S.S. e não de crítica àqueles que condenam a União Soviética».

A propósito, notou que «os próprios países do Terceiro Mundo criticaram severamente a União Soviética. Será que, neste momento, temos, entre nós, personalidades mais terceiro-mundistas do que os próprios países do Terceiro Mundo?».

Por outro lado, interrogou-se, nestes termos: «Será que o Terceiro Mundo é afinal a capa da defesa do pró-sovietismo?».

O Governo — conforme disse Freitas do Amaral — não deseja, de modo nenhum, regressar à «guerra-fria», mas pensa que a «detente» não pode ser um movimento unilateral produzido, apenas, num sentido».

«Tem de acabar-se de vez com o conceito pró-soviético de «detente» segundo o qual é ao Ocidente que tem de caber sempre todos os recuos e à União Soviética que tem de caber todos os avanços, mesmo que sejam feitos na base de violações no direito internacional» — rematou.

### UMA POLÍTICA PRÓ-OCIDENTAL

Freitas do Amaral manifestou-se claramente por uma política externa pró-occidental e europeia que passa pela condenação da União Soviética.

Este facto — notou — «é motivo de escândalo para alguns em Portugal! Tal constatação — para Freitas do Amaral — poderá representar que «a política externa estava a ser utilizada até aqui legitimamente por alguns contra os interesses de Portugal, do mundo ocidental e a favor dos interesses da União Soviética».

Se isso aconteceu, não mais voltará a acontecer — asseverou.

Naquele contexto, voltou a ressaltar que a política externa compete ao Governo, formado de acordo com os resultados eleitorais.

### A SITUAÇÃO DE PINTASILGO NÃO TEM REPERCUSSÃO

Freitas do Amaral comentou afirmações do tenente-coronel Melo Antunes sobre o impacto negativo que o afastamento da eng.ª Maria de Lurdes Pintasilgo representou a nível de política internacional.

Sobre esta matéria o vice-primeiro-ministro «rejeitou formalmente as acusações feitas ao Governo» pelo conselheiro da Revolução Melo An-

tunes, «salvaguardando as proporções» equiparou a exoneração de Lurdes Pintasilgo à prisão de Sakharov. Esta comparação, segundo Freitas do Amaral, traduz «má-fé». Isto porque nas suas palavras «qualquer Governo tem o direito de propor as substituições de embaixadores políticos que entender, atribuição de que não abdica».

«A situação da eng.ª Maria de Lurdes Pintasilgo — salientou — não tem a menor repercussão internacional».

Referindo-se a uma intervenção feita por um deputado português do PS na Comissão da Europa sobre o assunto, Freitas do Amaral disse que um deputado francês, no meio de aplausos aconselhou o deputado socialista a «não confundir o rio Reno com o Tejo» e não «levar para Estrasburgo um problema que muito pode interessar o Parlamento de Lisboa, mas não o Parlamento Europeu».

Neste enquadramento, Freitas do Amaral considerou «lamentáveis» as declarações de Melo Antunes.

A encerrar este capítulo, rematou: «O sr. conselheiro porque vive num país cujo governo respeita as liberdades democráticas e onde não há, felizmente, casos «Sakharov», pode criticar o Governo à vontade e quantas vezes quiser. O Governo responder-lhe-á. O tenente-coronel Melo Antunes foi muitas vezes o principal inspirador da anterior política externa que o Governo combateu na oposição e prometeu substituir, quanto mais criticar o Governo, mas o Governo sentirá que está a seguir o caminho certo».

Freitas do Amaral, no fim, comentou o facto de o governo angolano haver nacionalizado

os interesses portugueses nas firmas angolanas da Diamang e da Companhia de Manganés.

Como resposta — recorde-se — Portugal nacionalizou a Diapape.

Seja como for o Governo

pretende manter boas relações com os países africanos de expressão portuguesa.

Isso não impede que Portugal reaja aos actos considerados negativos para o nosso País — disse a concluir.

Futuro